

II. DOCTRINA ARGUMENTATIVA

A VIOLÊNCIA DA CULTURA DO MEDO: SÍMBOLOS E RITUAIS

Miguel Seadi Jr.

Defensor Público do Estado. Especialista em Ciências Penais pela PUC. Especialista em Psicologia Jurídica pela CLIP. Professor da Graduação das Faculdades Integradas São Judas Tadeu. Professor visitante da Fundação Escola da Defensoria Pública do Estado. Conselheiro da Associação dos Advogados Criminalistas do Rio Grande do Sul. Dirigente do Núcleo Penal do Centro de Apoio Operacional da Defensoria Pública do Estado RS.

Resumo: O objetivo do texto consiste nas relações entre 'violência-cultura-medo' analisadas sob o prisma de seus símbolos e rituais refletidos na sociedade. A abordagem pretende, sinteticamente, demonstrar as múltiplas realidades que advêm da cultura do medo, utilizando a capital gaúcha como palco.

Palavras-chave: Violência; cultura; medo; símbolos; rituais; mídia, controle social; criminalização.

Sumário: 1. Introdução. 2. Da violência à cultura: símbolo e rituais. 3. Reflexos da cultura do medo. 4. Conclusão. 5. Bibliografia.

1. INTRODUÇÃO

A fenomenologia do medo (inserido dentro da cultura e da violência) nas sociedades tem sido objeto de intenso estudo tanto por pesquisadores nacionais como estrangeiros, cada qual verificando uma ótica determinada.

A capital gaúcha estabelece o tema de uma forma dialética regional/global, o medo na sociedade pós-moderna apresenta semelhanças, contudo diferencia-se, também, não sendo exatamente o mesmo em Nova Iorque, Bagdá, São Paulo, Berlim, Rio de Janeiro, Porto Alegre.¹

¹ Nota-se o ritual sazonal durante o verão em Porto Alegre: "O que fazer antes de viajar: *Não fale da viagem perto de estranhos *Comunique sua ausência a um vizinho. Telefone para ele de vez em quando para saber se está tudo bem *Nas ausências prolongadas, peça a um parente para visitar sua casa para demonstrar a presença de pessoas (abrindo janelas, regando o jardim ou entrando com o carro na gara-

Há tempos as eleições para a prefeitura de Porto Alegre demonstram que o medo está engravado na plataforma dos políticos,² (inclusive incentivada pela mídia) a ponto de a Prefeitura criar uma secretaria de segurança urbana.

Cria-se a sensação de insegurança em toda a parte, principalmente no centro da cidade.³ Incrementa-se a vida (comércio e lazer) nos shoppings centers visto que atraem pela falsa segurança desses ambientes, onde tudo é bonito e organizado, “sem violência”.⁴ Os principais parques ainda resistem ao cercamento, até quando? A indústria da segurança cresce (verifica-se o rito dos apitos dos seguranças privados nas noites dos bairros e as casamatas simbolizando o medo), estabelece-se uma arquitetura do medo, um *modus vivendi* diferente, enfim uma (re)nova codificação capaz de ser entendida e percebida por todo o corpo municipal.

Interessante constar que o medo causado por um acidente com uma embarcação na baía da Guanabara no Rio de Janeiro, foi capaz de modificar o ritual da festa municipal de Nossa Senhora dos Navegantes, durante muito tempo. A mais meridional das capitais possui traços sui generis simbolizando o medo como o ‘Muro da Mauá’ que separa o porto da cidade pelo medo do rio (estuário), antagonizando com o próprio nome Porto Alegre.⁵ Ou o “aeromóvel” (que vai do nada

² Manchete da página 2 do caderno de eleição do jornal Zero Hora de 30/09/2004: ‘Porto alegre está com medo’, frase atribuída a um dos candidatos Pergunta ZH – A guarda Municipal teria novas atribuições – Candidato: “Porto Alegre está com medo, e o prefeito tem de sentir esse medo, tem de agir para vencer esse medo...”

³ Manchete da página 3 do jornal Correio do Povo de 16 de março de 2005: Revitalizar o Centro volta a debate: ‘Terminais de ônibus, comércio ambulante, segurança e acúmulo de lixo estiveram entre os temas’. No interior da reportagem: “O secretário municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana, ..., afirmou que, na área da segurança, a idéia é preparar a Guarda Municipal, citando que a segurança na região central não pode ser apenas ostensiva... Também estão sendo preparados em torno de 40 ou 50 guardas municipais para o policiamento preventivo, a serem colocados nas ruas daqui a cerca de 30 dias.’

⁴ Contracapa do jornal dominical de Zero Hora do dia 12 de dezembro de 2004: ‘Acuados pelo medo’ – abaixo de uma foto de um estabelecimento fechado – ‘Violência, assaltos e arrombamentos assustam pequenos comerciantes, forçando-os muitas vezes a desistir de seus negócios. Na reportagem interna: ‘Shoppings oferecem mais segurança’ – uma estratégia adotada por comerciantes e empresários para burlar os criminosos tem sido instalar seus estabelecimentos dentro de shoppings ou hipermercados’ caderno de polícia p. 50. A sensação de segurança que não é imune a concretude da realidade conforme demonstra a contracapa do jornal Zero Hora de 4 de janeiro de 2005; ‘Saque e sorvete na madrugada; oito homens invadiram um centro comercial em poro alegre, saquearam caixas eletrônicos, uma joalheria e tomaram sorvete. Na reportagem interna; ladrões invadem shopping e saqueiam caixas e joalheria – o centro comercial João pessoa, na capital, foi invadido na madrugada de ontem por oito homens armados. O bando entrou no local, rendeu os dois vigilantes e roubou dinheiro e jóias. A ação durou duas horas, e o caso esta sendo investigado pela delegacia de roubos. Em 30 anos de funcionamento, es se foi o primeiro assalto sofrido pelo shopping’ caderno de policia p. 35.

⁵ “A calamidade de 1941 não se repetiu, ainda que algumas vezes a intensidade das chuvas tenha sido semelhante à daquele ano. Construído depois, dessas provas, entre 1971 e 1974,... o muro da Avenida Mauá aguarda o momento de provar sua utilidade” COSTA, E. B. da. Op. Cit., p. 151.

a lugar nenhum) representando o medo do novo. Constantemente se noticia o medo da violência é capaz de suspender as aulas até mesmo nas escolas.⁶

Assim como Vera Malaguti Batista ao tratar do medo na cidade do Rio de Janeiro, demonstrou a importância de se tratar a história em dois tempos⁷, entendemos como Boas que cada cultura segue os seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrentou.⁸

2. DA VIOLÊNCIA À CULTURA: SÍMBOLOS E RITUAIS

Como afirma Ruth M. Chittó Gauer, a violência é um elemento estrutural, intrínseco ao fato social e não o resto anacrônico de uma ordem bárbara em vias de extinção. Conforme a pesquisadora, a violência não está à margem da cultura, mas a compõe, como um de seus elementos nucleares.⁹

No entender de Gauer, estamos assistindo a uma dramática instabilidade de nosso sistema de valores, de tal sorte que a não-reação, a não-resistência, a vulgarização da violência, da morte, da miséria, alteraram as regras básicas de convivência social. A perda do significado leva ao questionamento, mas a própria condição do indivíduo-sujeito está sendo abalada. No imaginário social, encontra-se a ideia de que continuar a viver tornou-se o valor central que se encontra drasticamente ameaçado. A configuração de motivações centrada na sobrevivência pura e simples não exclui ética e moralidade, mas estas

⁶ "Impasse na Capital: escola suspende aulas por medo da violência. Direção do colégio do bairro Glória tomou decisão depois da rescisão com a empresa de segurança. Temendo duelo entre gangues para controlar o tráfico de drogas na região, a direção da Escola Estadual Professor Oscar Pereira, no bairro Glória, suspendeu ontem as aulas, nos três turnos, por prazo indeterminado. O medo se reforçou no colégio, de 1,6 mil alunos, depois de a empresa de segurança ter seu contrato rescindido. O Estado promete o ingresso de uma nova prestadora de serviço para os próximos dias. Jornal Zero Hora de 25 de junho de 2010, p. 47.

⁷ BATISTA, Vera Malaguti. O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

⁸ LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 17 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 36.

⁹ GAUER, Ruth M. Chittó, Alguns aspectos da fenomenologia da violência. In: A fenomenologia da violência. Gabriel J. Chittó Gauer & Ruth M. Chittó Gauer (orgs). Curitiba: Juruá, 2000, p. 13

são construídas a partir de, pelo menos, mudanças de significado. A não-reação pode estar expressando uma forte valorização da vida, não o medo ou a covardia; porém, ocorre um desmapeamento que atinge em graus diferenciados a todos os segmentos sociais. Os níveis de violência que vivemos atingem todo o tecido social, provocando o seu esgarçamento. Esse fato tem sido um dos aspectos observados como um problema cuja complexidade merece uma atenção e um enfoque político com a especificidade e a seriedade que a problemática exige. É, no entanto, indiscutível que hoje vivemos uma alteração significativa de padrões na sociedade brasileira, alterações essas que se associam a processos particulares de nossa sociedade, assim como a processos universais. A fragmentação por nós vivida está assumindo, nas grandes cidades do Brasil, feições particularmente agudas e dramáticas.¹⁰

Segundo Marilena Chauí, em termos antropológicos, podemos, então, definir a Cultura como tendo três sentidos principais: 1. criação da ordem simbólica da lei, isto é, de sistemas de interdições e obrigações, estabelecidos a partir da atribuição de valores a coisas (boas, más, perigosas, sagradas, diabólicas), a humanos e suas relações (diferença sexual e proibição do incesto, virgindade, fertilidade, puro-impuro, virilidade; diferença etária e forma de tratamento dos mais velhos e mais jovens; diferença de autoridade e formas de relação com o poder, etc.) e aos acontecimentos (significado da guerra, da peste, da fome, do nascimento e da morte, obrigação de enterrar os mortos, proibição de ver o parto, etc.); 2. criação de uma ordem simbólica da linguagem do trabalho, do espaço, do tempo, do sagrado e do profano, do visível e do invisível. Os símbolos surgem tanto para representar quanto para interpretar a realidade, dando-lhe sentido pela presença do humano no mundo; 3. conjunto de práticas, comportamentos, ações e instituições pelas quais os humanos se relacionam entre si e com a Natureza e dela se distinguem, agindo sobre ela ou através dela, modificando-a. Este conjunto funda a organização social, sua transformação e sua transmissão de geração a geração."¹¹

GAUER, R. M. C. Idem, p. 27.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1995, p. 295-296.

Leslie White, antropólogo norte-americano contemporâneo, considera que a passagem do estado animal para o humano ocorreu quando o cérebro do homem foi capaz de gerar símbolos “todo comportamento humano se origina no uso de símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalharam e perpetuaram somente pelo uso de símbolos. Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano. O comportamento humano é o comportamento simbólico. Uma criança do gênero *Homo* torna-se humana somente quando é introduzida e participa da ordem de fenômenos super-orgânicos que é a cultura. E a chave deste mundo, e o meio de participação nele, é o símbolo.”¹²

De acordo com Chauí, o rito é a rememoração perene do que aconteceu numa primeira vez e que volta a acontecer, graças ao ritual que abole a distância entre o passado e o presente.¹³ Para Isidoro Alves, os rituais são, ao mesmo tempo, sequências estruturadas e estruturantes, no duplo sentido em que expressam a ordem das coisas e implicam a percepção de como o mundo e as coisas devem ser entendidos.¹⁴

3. REFLEXOS DA CULTURA DO MEDO

O medo é definido como uma emoção negativa,¹⁵ geneticamente programada¹⁶ e desagradável¹⁷ que ocorre em reação a uma fonte de perigo – real ou imaginária – reconhecida conscientemente.¹⁸

¹² LARAIA, R. de B. Op. Cit., p.55.

¹³ CHAUI, M. Op. Cit. p. 300.

¹⁴ ISIDORO, Alves. Carnaval devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém. ed. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 23.

¹⁵ MURRAY, Eduard J. Motivação e Emoção. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 92.

¹⁶ TERRA, Osmar. Entenda melhor suas emoções. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999, p. 134.

¹⁷ DELGADO, José M. R. Emoções. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: José Olympio/Universidade de São Paulo, 1983, p. 18.

¹⁸ SCHACHTER, Robert; McCAULEY, Carole. Meu Filho Tem Medo. ed. São Paulo: Saraiva, 1990, p. 24.

Para o pensador Zygmunt Bauman, o medo nos estimula a assumir uma ação defensiva, e isso confere proximidade, tangibilidade e credibilidade às ameaças, genuínas ou supostas, de que ele presumidamente emana.¹⁹ O historiador Jean Delemeau, no sentido estrito e estreito do termo, afirma que o medo individual é “uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação. Colocado em estado de alerta, o hipotálamo reage por uma mobilização global do organismo, que desencadeia diversos tipos de comportamentos somáticos e provoca sobretudo modificações endócrinas. Como toda emoção, o medo pode provocar efeitos contratados segundo os indivíduos e as circunstâncias, ou até reações alternadas em uma mesma pessoa: a aceleração dos movimentos do coração ou a sua diminuição; uma respiração demasiadamente rápida ou lenta; uma contração ou uma dilatação dos vasos sanguíneos; uma hiper ou uma hipo-secreção das glândulas; constipação ou diarreia, poliúria ou anúria, um comportamento de imobilização ou uma exteriorização violenta. Nos casos-limite, a inibição irá até uma pseudoparalisia diante do perigo (estados catalépticos) e a exteriorização resultará numa tempestade de movimentos destinados e inadequados, característicos do pânico. Ao mesmo tempo manifestação externa e experiência interior, a emoção do medo libera, portanto, uma energia desusada e a difunde por todo o organismo. Essa descarga é em si uma reação utilitária de legítima defesa, mas que o indivíduo, sobretudo sob o efeito das agressões repetidas de nossa época, nem sempre emprega com discernimento.”²⁰

Não só os indivíduos tomados isoladamente mas também as coletividades e as próprias civilizações estão comprometidos num diálogo permanente com o medo. Pode-se utilizar a definição clínica de medo para o nível coletivo?

No entendimento de Delemeau, cabe definir que o coletivo, aqui, não significa o sentido de multidão desordenada, onde há uma soma de reações que será tanto mais forte quanto for mais fraca a coesão psicológica entre as pessoas tomadas de medo. Mas sim, de um

¹⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. ed. Rio de Janeiro, 2008, p. 173.

²⁰ DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 23

homem qualquer enquanto amostra anônima de um grupo, para além da especificidade das reações pessoais de tal ou tal membro deste. O termo “medo” ganha então um sentido menos rigoroso e mais amplo do que nas experiências individuais, e esse singular coletivo recobre uma gama de emoções que vai do temor e da apreensão aos mais vivos terrores. O medo é aqui o hábito que se tem, em um grupo humano, de temer tal ou tal ameaça (real ou imaginária).²¹

O sociólogo norte-americano Barry Glassner afirma que toda análise da cultura do medo que ignora a ação da imprensa ficaria evidentemente incompleta. Entre as diversas instituições com mais culpa por criar e sustentar o pânico, a imprensa ocupa indiscutivelmente um dos primeiros lugares.²²

Refere Malena Segura Contrera que quando questionados sobre a questão da predileção temática da mídia pela violência, os profissionais de mídia normalmente respondem com o velho clichê de que é disso que o espectador gosta, de que é o que dá audiência e faz a coisa toda continuar. E apressam-se a apresentar os resultados de pesquisas que mostram os altos índices de audiência de programas com um grau elevado de violência, procurando legitimar quantitativamente o que na realidade é um parábola qualitativo.²³

Este estímulo causado pela propagação do medo afeta, mais ainda, parcela da população com Transtorno do pânico e agorafobia, como explicam Lourdes Maraschin Haggström, Patrícia Pico e Gisele Gus Manfro, salientam, conforme o modelo de Barlow (1988), a influência dos fatores sócio-culturais para o surgimento da agorafobia, onde o medo estaria associado aos estímulos ambientais.²⁴

Evidentemente que em toda sociedade há portadores de transtorno de personalidade anti-social (TPAS) causando situações proble-

²¹ DELUMEAU, J. *Idem*, p. 24.

²² GLASSNER, Barry. *Cultura do medo: por que tememos cada vez mais o que deveríamos temer cada vez menos*. ed. São Paulo: Francis, 2003, p. 33.

²³ CONTRERA, Malena Segura. *Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*. ed. São Paulo: Annablume, 2002, p. 98.

²⁴ HAGGSTRÖM, Lourdes Maraschin; PICO, Patrícia; MANFRO, Gisele Gus. *Transtorno de Pânico e Agorafobia*. In: *Psiquiatria para estudantes de medicina*. Gabriel José Chittó Gauer; Alfredo Cataldo Neto; FURTADO, Nina Rosa (orgs.), Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 408.

máticas, como afirmam Gabriel José Chittó Gauer e Alfredo Cataldo Neto, o verdadeiro preço do TPAS é expresso de modo mais sutil, inclusive com um senso difuso de desconfiança geral das pessoas sobre as intenções de outros. *Crime e outros problemas sociais se originam de uma variedade de causas além do TPAS, mas os anti-sociais e as suas ações contribuem para os nossos medos e preocupações coletivas. Estes medos nos fazem apertar os passos em uma rua escura, fechar nossos carros e casas e suspeitar de promessas.* Enquanto estes instintos nos protegem do perigo, eles podem ser prejudiciais se nos levarem a acreditar que nada está seguro, que as regras da sociedade já não dispõe de qualquer proteção ou garantia da ordem.²⁵

Assevera João Ricardo Dornelles que no contexto contemporâneo, onde parte da população não convive diretamente com a violência, mas sim com a sua intensa e exaustiva divulgação nos meios de comunicação, ampliando os seus efeitos e criando um relativo aumento da consciência dos riscos e das violências que são ameaçadoras, a violência passa a apresentar uma natureza subjetiva, passa a ser também um sentimento. O sentimento de estar exposto, fragilizado, expressa uma subjetividade que é resultado da violência real. E os indivíduos cada vez mais têm consciência dos 'riscos' ou das 'violências' que os ameaçam. A sensação de exposição ao risco, a sensação subjetiva da insegurança, mesmo quando se torna objetiva, está ligada, portanto, a um sentimento. Mesmo quando esta insegurança objetivamente não existe, vive-se sob a sensação subjetiva do medo. Assim, o indivíduo passa a se sentir mais exposto aos perigos do que efetivamente está sob o risco de sofrer alguma violência. Esta subjetividade no quadro da violência nas sociedades contemporâneas coexiste com uma objetiva generalização do fenômeno.²⁶

Com este clima de insegurança passado pela imprensa – mídia – no tocante à violência criminal, de certa forma, fica garantida a manutenção do ideal dominante visto que o medo mantém a plataforma política e direciona campanhas políticas federais, estaduais e municipais.²⁷

²⁵ GAUER, Gabriel José Chittó; CATALDO NETO, Alfredo. Transtorno de personalidade anti-social. In: *Psiquiatria para estudantes de medicina*. _____; Nina Rosa Furtado (orgs.), Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 603.

²⁶ DORNELLES, João Ricardo. "Ofensiva neoliberal, globalização da violência e controle social". In *Discursos Sediciosos: crime, direito e sociedade*. Rio de Janeiro: ICC, 2002, p. 123.

²⁷ Cf. PASTANA, Débora Regina. *Cultura do Medo: reflexões sobre violência criminal, controle social e cidadania no Brasil*. ed. São Paulo: IBCRIM, 2003, p. 78.

Batista afirma que difusão do medo é mecanismo indutor e justificador de políticas autoritárias de controle social.²⁸ De forma concreta, a pesquisadora fluminense deduz que no Brasil, a difusão do medo do caos e da desordem tem sempre servido para detonar estratégias de exclusão e disciplinamento planejado das massas empobrecidas. Sociedades rigidamente hierarquizadas precisam do cerimonial da morte como espetáculo de lei e ordem. O medo é a porta de entrada para políticas genocidas de controle social.²⁹

Alerta Salo de Carvalho, que o fenômeno da criminalização produz resultado eficaz na relação do legislador com a sociedade. Os mitos do sistema penal são percebidos positivamente pelo sistema social (every day theories); logo, há dúplice relação (relação interativa) entre os atores. O legislador, ao propor incriminações severas, repassa à sociedade a sensação de que resolveu o problema, não se preocupando com efetivas soluções. A sociedade, por sua vez, sente-se mais segura em seu cotidiano, não exigindo do Legislativo recursos de melhoria na qualidade dos serviços prestados pelo Estado (saúde, ensino, emprego e qualidade de vida em geral).³⁰

Nesse sentido, a Defensoria Pública como instituição permanente, essencial à função jurisdicional do Estado, incumbindo-lhe, como expressão e instrumento do regime democrático, fundamentalmente, a orientação jurídica, a promoção dos direitos humanos e a defesa, em todos os graus, judicial e extrajudicial, dos direitos individuais e coletivos³¹, com a primazia da dignidade da pessoa humana e a redução das desigualdades sociais, a afirmação do Estado Democrático de Direito, a prevalência e efetividade dos direitos humanos e a garantia dos princípios constitucionais da ampla defesa e do contraditório³² torna-se um

²⁸ BATISTA, Vera Malaguti. O medo e o método. In *Discursos Sediciosos – crime, direito e sociedade*, n. p. 188.

²⁹ BATISTA, Vera Malaguti. Medo, genocídio e o lugar da ciência. in *Discursos Sediciosos – crime, direito e sociedade*, n. Rio de Janeiro: ICC, 19 p. 135.

³⁰ CARVALHO, Salo de. Política Criminal e Discriminização: breves considerações. In: *Crime & sociedade* Cezar Roberto Bitencourt (org.), Curitiba: Juruá, 1998, p. 338.

³¹ Art. 1º da Lei Complementar nº 80/94, com redação dada pela Lei Complementar nº 132/2009

³² Art. 3º-A da Lei Complementar nº 80/94, com redação dada pela Lei Complementar nº 132/2009

símbolo na busca de soluções eficazes contra o medo³³ que não as da simples repressão ou redução de garantias, estabelecendo uma cultura da paz.

4. CONCLUSÃO

Glassner conclui, sobre a sociedade americana, que a resposta sucinta a por que os americanos cultivam tantos medos ilegítimos é a seguinte: muito poder e dinheiro estão à espera daqueles que penetram em nossas inseguranças emocionais e nos fornecem substitutos simbólicos.³⁴

Segundo Leonardo Boff, a cultura hoje dominante foi imposta pelos dominadores históricos do povo brasileiro; por isso é dominante. Usou-se a violência dura como forma de manter a dominação e depois a doce para garantir a hegemonia. É socialmente aceito o uso da violência nesta cultura dominante. ... Criou-se uma cultura do medo hoje dominante, cultura da segurança dos grupos abastados, das grades, do exército paralelo de defesa dos opulentos, causadores do conflito básico da sociedade. E do outro lado gangues, organizações de assaltantes, crime organizado. Estas duas realidades se implicam dialeticamente.³⁵

Conclui Débora Regina Pastana dizendo que o medo é, assim, útil para os políticos, para os empresários da segurança privada, para os noticiários da imprensa falada e escrita, para dar legitimidade ao discurso dos pais que controlam o comportamento de seus filhos, para reforçar discriminações etc. Embora não tenhamos certeza de que vivemos em um ambiente perigoso, a mera suposição do perigo pode ser útil para justificar ações³⁶ e comportamentos e até mesmo para aquecer mercados e legitimar políticas.³⁷

Promover a mais ampla defesa dos direitos fundamentais dos necessitados, abrangendo seus direitos individuais, coletivos, sociais, econômicos, culturais e ambientais, sendo admissíveis todas as espécies de ações capazes de propiciar sua adequada e efetiva tutela (Art. 4º, X da Lei Complementar nº 80/94, com redação dada pela Lei Complementar nº 132/2009)

GLASSNER, B. Op. Cit., p. 33.

BOFF, Leonardo. A violência contra os oprimidos: seis tipos de análise. In: Discursos Sediciosos – crime, direito e sociedade, n. p. 95-96.

LEGÍTIMA DEFESA. ...- antecedentes de violência da vítima e temor do réu completam o quadro da defesa. (RJTRGS nº 113/94). LEGÍTIMA DEFESA . Absolvição Sumária. Se a vítima, com porte físico mais avantajado do que o agente, a quem já assaltou – mão armada – por três vezes e merecia na pequena sociedade em que viviam o apelido de 'Vadio', conseguiu criar uma aura de temor em torno de si, permite que, sob o pálio da lei, seu ofendido antagonista use do revólver à sua aproximação. Integra-se, pelo menos, a legítima defesa putativa, que não é obnubilada por pequenas discrepâncias das testemunhas ouvidas (3º C.Crim. 600277198 – Canoas)

PASTANA, D. R. Op. Cit., p. 37

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, Vera Malaguti. Medo, genocídio e o lugar da ciência. In: Discursos Sediciosos: crime, direito e sociedade. Rio de Janeiro: ICC, n. 7-8.
- O medo e o método. In: Discursos Sediciosos: crime, direito e sociedade. Rio de Janeiro: ICC, n. 9-10.
- A arquitetura do medo. In: Discursos Sediciosos: crime, direito e sociedade. Rio de Janeiro: ICC, n. 12, 2002.
- O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história. Rio de Janeiro: Revan, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. Medo líquido. ed. Rio de Janeiro, 2008.
- BOFF, Leonardo. A violência contra os oprimidos: seis tipos de análise. In: Discursos sediciosos – crime, direito e sociedade. Rio de Janeiro: ICC.
- CATALDO NETO, Alfredo; GAUER, Gabriel José Chittó; FURTADO, Nina Rosa (orgs.) Psiquiatria para estudantes de medicina. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- CARVALHO, Salo de. Política Criminal e Descriminização: breves considerações. In: Crime & sociedade. Cezar Roberto Bitencourt (org.), Curitiba: Juruá, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CONTRERA, Malena Segura. Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. ed. São Paulo: Annablume, 2002.
- COSTA, Elmar Bones da (ed. resp.). História ilustrada de Porto Alegre. Porto Alegre: JÁ Editores, 1997.
- DELGADO, José M. R. Emoções. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983.
- DELUMEU, Jean. A história do medo no ocidente: 1300 – 1800, uma cidade sitiada. ed. Trad. Heloísa Jahn, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- GAUER, Ruth M, Chittó, Alguns aspectos da fenomenologia da violência. In: A fenomenologia da violência. Gabriel J. Chittó Gauer; _____ (orgs). Curitiba: Juruá, 2000.

- GLASSNER, Barry. Cultura do medo: por que tememos cada vez mais o que deveríamos temer cada vez menos. ed. Trad. Laura Knapp, São Paulo: Francis, 2003.
- ISIDORO, Alves. Carnaval devoto. um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.
- JORNAL CORREIO DO POVO. Edição de 16.03.05
- JORNAL ZERO HORA. Edições dos dias 04.01.04; 30.09.04; 12.12.04; 04.01.05; 25.06.2010.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 17 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- MURRAY, Edward J. Motivação e emoção. ed. Trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- PASTANA, Débora Regina. Cultura do medo: reflexões sobre violência criminal, controle social e cidadania no Brasil. ed. São Paulo: IB-CRIM, 2003.
- RODRIGUES, José Augusto de Souza. A economia política do medo. in Discursos Sediciosos – crime, direito e sociedade, n. 2, Rio de Janeiro, ICC, 1996.
- SOUZA, Ricardo Timm de. Ainda além do medo: filosofia e antropologia do preconceito. ed. Porto Alegre: Dacasa Editora / Palmarinca, 2002.
- TERRA, Osmar. Entenda melhor suas emoções. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.